

A sábia decisão do Rei Salomão

Justiça hebraica

Já não é sem tempo consideramos a família como a base de uma sociedade feliz, decente e igual [direito desse ou daquele]. A partir de duas pessoas formá-se-á um núcleo familiar – seja por laços sanguíneos, consanguíneos ou afetivos – carecendo, pois, do chamado *regime de partilha*. Um pode amparar o outro, numa divisão comum de sentimentos, afinal trocam entre si bons motivos para conviverem harmoniosamente (*grifos do autor*).

Como dizem por aí *'moram debaixo do mesmo teto'*, portanto necessidades não de ser acordadas no curso vivencial. A relação entre pais e filhos se estabelece numa espécie de **liga do amor** tida por meio de exemplos, emoções, respeito e cumplicidade. Nesse momento inicia-se, seguramente, a ideia de um *lar*, inspirado em princípios, costumes e experiências dentro da normalidade. O ambiente, sem dúvida, incentiva ou deve incentivar aqueles que, por consequência, participam mutuamente do dia-a-dia no seio familiar.

Lembremos, agora, da *'história que ficou para a história'* devido uma situação inusitada, a quem de direito e de fato, tinha o poder de decidir em nome de outrem: Duas mães, uma de sangue outra de afeto. Entre ambas uma criança recém-nascida à espera, inconsciente, de um lar, mas antes, a mama do leite materno. Estava essa, envolvida numa rodilha de pano, carregada por um dos empregados do patriarca. Assim não haveria disputa desleal entre as mães, porquanto a criancinha podia dormir o seu soninho de anjo-candura. Precisava de um bom banho pois a viagem até ali enchera-lhe de pó.

Nunca o reino [daquela época] havia visto ou vivido algo semelhante. Tampouco o astuto Rei Salomão, sempre em alto respaldar, sentado no seu trono de pedra jaspe polida. As duas senhoras, até então desconhecidas, naquele salão foram, por hora, anunciadas para estarem à presença do Nobre. Pareciam inconformadas com alguma coisa, travando um duelo entre si, difícil de ser contido numa simples palavra ou gesto casual. Trajavam quase o mesmo tipo de roupa, dando a aparência de *'pobretonas'* em constante desalinho. Na realidade não possuíam posses,

nem economia de moedas, dispondo, unicamente, de pequeno abrigo entendido como *'domicílio'*.

Segundo uma, quando indagada, sobre relações com a criança – onde e como a conheceu – narrou terem feito o parto juntas [a dita companheira], na mesma casa de palhinha, mas das duas, restou apenas uma, para agonia daquela outra. Não sabiam, ao certo, se havia uma terceira pessoa no quarto-cômodo, no entanto, o sumiço do filho era evidente. Tinham a intenção de descobrirem, sob duras penas, qual destas pariu o varãozinho que não podia ter duas mães ao mesmo tempo. Se deixasse a cargo delas, o ato de decidirem o destino do pequerrucho, se matariam em tapas, unhas, mordidas e pancadas. Por sorte ou merecimento, ousaram procurar um sábio para resolver essa causa incomum. O desassossego estava escrito ou estampado no rosto daquelas humildes trabalhadoras que, para alguns, seriam mulheres-dama sem partido.

Postas de pé, diante do rei, tiveram a oportunidade de falarem o porquê de tanto nervosismo na ânsia de uma solução que pudesse acabar de uma vez por todas com tamanha contenda. Enquanto isso, aquele que figurava como um juiz observava, atentamente, o comportamento das pobres camponesas. Quem tinha mais equilíbrio emocional?! Depois de ouvi-las, o Rei Salomão, de súbito ordenou em voz alta: -"Que o bebê seja cortado ao meio, e cada uma das *se dizem mães* receberão a metade do vosso corpo". Traga a espada [acrescentou]. Antes de terminar a fala, uma das mulheres, em nítido desespero, clamou pela vida da criança, desejosa de tê-la para si, graúda, saudável e **inteira**. Caluda! Ele apenas queria testar as duas varoas para que algo diferente pudesse *'brotar'* naquele duplo conflito.

Por outro lado a companheira, de modo esguio, relutou em concordar a infeliz, propondo que, nesse caso, ninguém recebesse parte alguma. O sábio percebera a aflição da primeira mulher e entendeu, a bem da verdade, ser ela a mãe, face ao carinho demonstrado na sua voz, olhar. Ficou, assim, decidido: essa uma, seria contemplada com a guarda definitiva do menino, quiçá a sua preocupação angélica-maternal. A primogênita [natural] fora conduzida para fora do palácio já com sua cria nos braços. De bom grado encerrou-se ali a breve audiência ocorrida no juizado de pequenas causas.

Tal decisão correu o mundo em boatos e rumores que agraciaram a atuação de vossa alteza, o Rei.

(*Membro da Academia de Letras de São João del-Rey